REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 728

20 DE MARÇO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não é costume em Portugal dar-se muito que fazer aos criticos d'arte, que a tudo deitam a mão, sendo-lhes a traducção d'uma comedia, umas flores de missanga ou uma polka de fungagá muita vez assumpto.

D'esta vez registaram, porém, tres verdadeiros acontecimentos em menos d'uma semana.

O caso é raro. Merece menção e archivo. Tantos dias e dias se passam, por vezes, sem que entre um raio de luz por essa janella que deita para as planicies ethereas!

Musica, theatro e pintura. Em nenhum d'esses ramos d'arte faltou que dizer.

Em S. Carlos representou-se entre vivos applausos a nova opera de Alfredo Keil, poema de Lopes de Mendonça, *A Serrana.*

No theatro do Gymnasio applaudimos pela primeira vez em lingua portugueza uma peça de Ibsen, a mais afamada do grande dramaturgo norueguez. Foi Lucilia Simões quem se encarregou do papel de protagonista da *Casa de Boneca.* Fel-o com a intelligencia, que é seu dote, e sahiu-se a salvo da tentativa arrojada.

No edificio da Academia de Bellas Artes inaugurou-se na quarta feira a exposição de pintura. Concorreram artistas consagrados, embora com poucos quadros, mas todos dignos de menção; alguns novos se apresentaram demonstrando valor. Columbano não concorreu d'esta vez e sente-se lá a sua falta.

São tres novidades na historia da arte. Vieram-nos com uns dias bonitos de sol, já no fim do inverno, quando para assumptos alheios á arte o pensamento se vae distrahindo. O inverno já quasi pertence á historia; a primavera vae-nos convidando para outras distracções.

Principiaram as toiradas; mas ainda não são a sério. Toiradas para que se vae de paletot e golas levantadas, em que os da sombra invejam os do sol, em que, ao lado dos cartazes que as reclamam a côres vivas, se desenrola o annuncio de S. Carlos, não contam ainda para os amadores. Os toiros querem-se com as moscas, os colletes brancos, os palhinhas e o homem dos capilés. Querem sol e côres alegres no céo e nos fatos das mulheres.

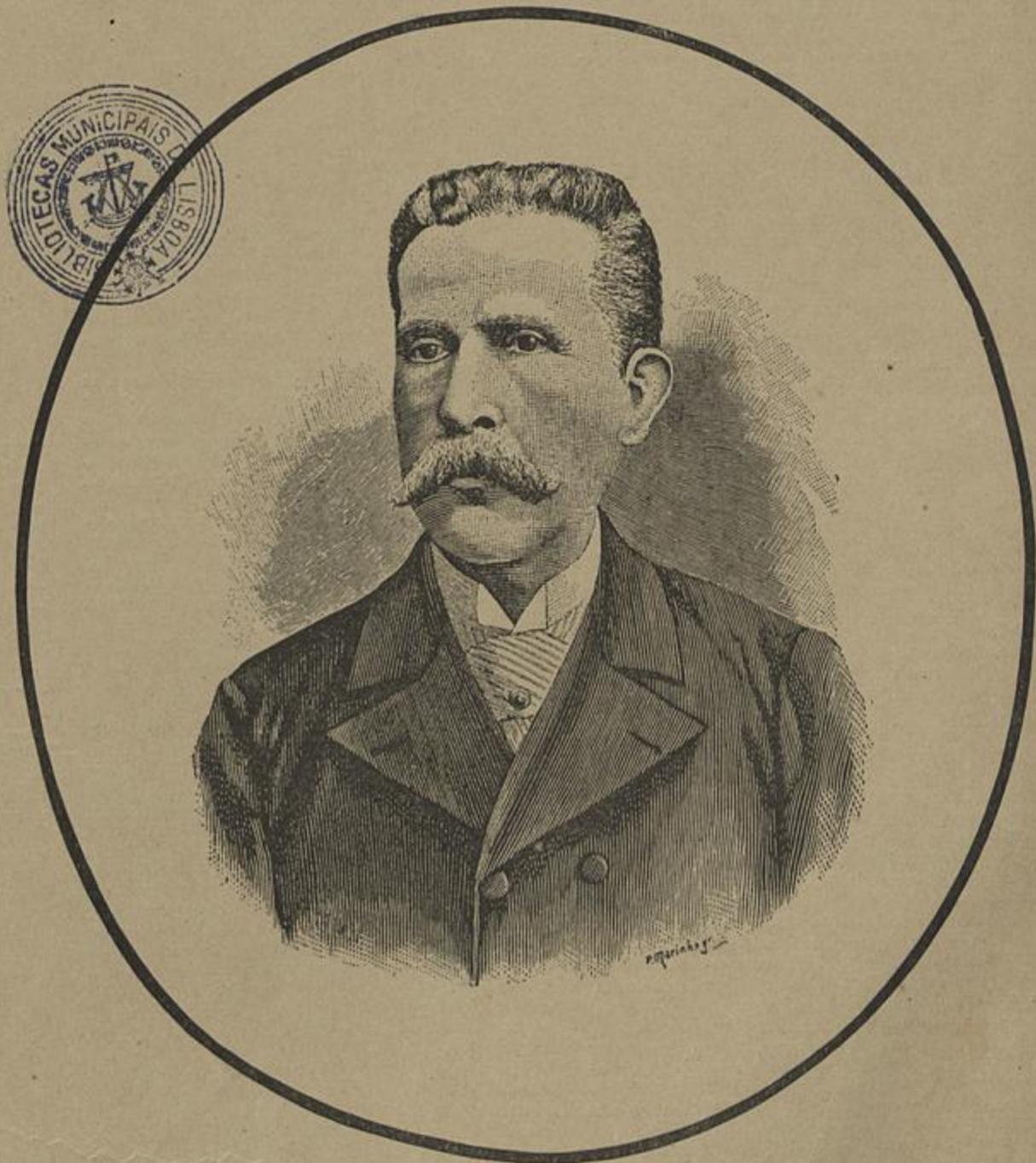
O tempo ainda está hesitante, com um pé no verão, outro no inverno. Entretanto dias lindos houve já, dias sorridentes d'este hypocrita março-marçagão. Abotoaram já as flores nos troncos que dezembro despiu, a atmosphera é cheia dos aromas das flores que abrem ás mil por esses campos fóra, vae a aragem amornando, voam rapidas as andorinhas acasaladas.

Andam alegrias pelo ar, misturadas com os perfumes, com a luz mais intensa, com os pios alegres das aves nos ramos enfeitados.

Mas quem vae caminhando pela vida fóra, já longe do ponto de que partiu, cada vez que volta a mesma paisagem, não sorri da mesma forma ás flores desabrochadas, aos montes que o sol poente azula, aos canticos tanta vez ouvidos. Tudo traz comsigo saudades e os anniversarios tristes vão-se amontoando.

Fez um anno no dia 14 que falleceu um companheiro nosso de trabalho, que muita vez honrou com seus escriptos as columnas do *Occidente.* Na egreja do Coração de Jesus, a viuva saudosa de Manuel Barradas mandou n'esse dia resar uma missa por alma do nosso querido amigo.

Era intelligente e bom e por isso deixou saudades perennes.

Não ha hora presente que nos não traga á lembrança horas mais felizes n'outros longes tempos melhor passadas. São tristes as horas tristes, as horas alegres trazem comsigo tristezas. Ninguem sabe, ninguem póde viver do presente apenas; a lembrança saudosa infiltra-se de manso, onde menos a esperamos, põe-nos em cada riso uma prega

DR. JOSÉ SIMÕES DIAS — FALLECIDO NO DIA 3 DO CORRENTE

de amargura, uma ruga sobre cada olhar, um suspiro ás vezes como parenthesis n'uma gargalhada.

Mas é preciso reagir, é preciso não fazer essas confidencias aos muito novos. Nas festas de familia em que os nossos filhos riem em volta da nossa mesa, é preciso não lhes dizer que um dia assim estivemos com nossos paes e que elles por sua vez se hão de entristecer, d'aqui a alguns annos, quando tiverem a nossa edade.

O mesmo nos succede, quando, passados muitos annos, vemos reviver no theatro alguma peça, que foi o nosso contentamento de criança. Ficámos com uma idéa vaga das scenas, d'uns ditos, d'umas coplas, d'umas personagens, d'umas mutações.

E essas peças de nomeada são acertadamente reannunciadas, de lucros certos para o empresario. Os velhos querem tornar a vel-as para relembrar-se, os novos são levados pelo muito que os velhos lhes contaram.

Foi o que succedeu com *A Pera de Satanaz*, novamente em scena no theatro da Avenida, depois de uma longa serie de recitas, ha trinta e tantos annos, no velhissimo theatro do Salitre.

Montada agora com luxo desusado nos nossos theatros, volta a ser um encanto para os nossos filhos. como o fôra para nós n'esses tempos nebulosos. E quando elles, cheios de alegria, largam as encantadoras gargalhadas communicativas, ouvindo os disparates do Rei Caramba, as facecias do Vasco, os ditos esturdios da Castanheta, punge-nos o espinho d'uma saudade, julgamos tornar a ver velhos conhecidos e teriamos desejos de dizer-lhes: — «Olá, eu tambem ainda cá estou!»

Mas tantos, tantos que faltam!

Até da Lisboa d'esse tempo, tanto mais feia, tanto mais triste, tanto mais cidade de provincia, até d'essa mesma temos saudades.

Onde era o antigo Salitre, passa hoje a grande Avenida da Liberdade. O decrepito theatro, que por fóra parecia um palheiro e por dentro era a mais feia coisa que póde imaginar-se, teve entretanto noites memoraveis, partidarios de valor pela companhia que n'elle funccionava, quando Garrett dava toda a sua protecção á gente da Rua dos Condes.

Foi-se o velho barracão, foi-se com elle tambem o Passeio Publico, tão cheio de recordações para muita velhota d'hoje, que foi uma interessante menina da Baixa, para muito conselheiro grave, que foi amanuense namorador e poeta.

Arrancaram-lhe as grades, destruiram-lhe as arvores, acabaram-lhe com o tanque e a cascata, mandaram para longe — estão hoje em Setubal — os candeeiros corcundas, prolongaram-lhe o alinhamento, deitaram casas a baixo e fizeram essa larga Avenida, desde o obelisco cá em baixo, que lembra a independencia, até esses campos onde se ergue a penitenciaria, que lembra exactamente o contrario.

Essa Avenida está linda agora com as suas olaias em flôr e as acacias em cujas ramos delgados umas folhinhas apparecem, que nos dão de longe a impressão d'uma aguada verde, muito leve, sobre o emmaranhado dos troncos.

Todas as tardes, sobretudo aos domingos, os dois passeios lateraes enchem-se de senhoras que se despedem das *toilettes* de inverno. Duas longas filas de carruagens sobem e descem a meio trote a rua central. Passa El Rei, passa a Rainha Sr.ª D. Amelia. Os homens param á beira dos passeios, de chapéo na mão, inclinando-se. Chilreiam os pardaes nos ramos fininhos, semi-nús, e encarapitadas nas cadeiras, para melhor verem quem passa, as crianças chilreiam.

Os reporters do *high-life* tomam notas nas carteiras, com ar profundo. É tudo gente muito conhecida, mas ás vezes não se lhes sabe o nome, e então põe-se *madame* ou *mademoiselle* e o appellido do marido ou do pae.

Os dias lindos de primavera, a abundancia das flôres de quaresma nos alegretes, veem-nos annunciando a approximação da semana santa.

Era d'antes um tempo muito caracteristico em Lisboa. Não se via quasi uma carruagem, os homens andavam de casaca pelas ruas, todas as senhoras de mantilha. Era enorme a concorrencia a todas as egrejas, muito escuras, onde se cantavam lamentações.

A nota alegre era dada pelos confeiteiros.

Esses é que não quizeram por emquanto mudar d'habitos e já começam enfeitando as lojas, expondo aos olhos gulosos quanto a arte de explorar o assucar vai fazendo seus progressos. Amendoas de todas as formas, amendoas de todas as côres, em caixas, em cabazes, em cartuxos doirados. E sempre, ás portas, umas garotitas magras, de olhos negros, muito abertos...

Chega o verão, não tarda. Finda a estação de inverno nos theatros. Fala-se já da partida para a provincia, para o Brazil.

O inverno deu o que tinha que dar e já poucas surprezas nos reserva.

Uma grande parte da gente que está trabalhando no theatro da Trindade vai com o empresario Celestino para o Rio de Janeiro, levando Palmira Bastos como estrella.

Para o Porto partem as companhias dos theatros de D. Maria e de D. Amelia, indo depois alguns da companhia de Rosas e Brazão dar o seu giro artistico por algumas das principaes cidades do norte do Brazil.

Em outubro estarão todos outra vez de volta.

O Brazil é um grande recurso para todos os artistas portuguezes, tanto mais que a geographia houve por bem determinar que fossem de inverno no outro hemispherio os dias que são de verão na Europa.

Os artistas dos nossos theatros são sempre bem recebidos pelos nossos irmãos brazileiros e pelos muitos portuguezes, que, longe da mãe patria, conservam entranhado amor a quanto é nosso.

Para proval-o bastaria rememorar factos muito recentes, que, por felicidade, desmentem uma ou outra opinião, que de casos indignos isolados quer estabelecer regras geraes. A viagem do *Adamastor* pelos portos brazileiros tem sido uma festa ininterrupta. São innumeros e valiosissimos os brindes offerecidos ao commandante, aos officiaes e a toda a tripulação.

Vão os nossos visitar povos estranhos, veem os estranhos visitar-nos. Annuncia-se para breve a primeira das seis representações de Maria Guerrero.

— Ole! ole! diz um de chapéo á Mazzantini.

Perdão. O castelhano de Calderon não é exactamente esse hespanhol que vocemecê sabe.

João da Camara.

SIMÕES DIAS

(Carta a Caetano Alberto)

Pediu-me o meu amigo algumas linhas que acompanhassem, no Occidente, o retrato de Simões Dias; e já eu tinha pôsto diante de mim um bilhête postal, pâra lhe rogar que me dispensasse agora de qualquer collaboração literária, tão literalmente eu tenho occupado o meu tempo, ininterruptamente, noutras fainas mais áridas, e tão pouca imparcialidade eu poderia têr, falando do meu querido e pobre amigo, que tão imprevistamente nos deixou.

Occorreu-me, porém, que é muitissimo o que devo a Caetano Alberto e á sua revista; e que, se não aproveitasse o ensejo pâra ir deitando algumas mealhas no cofre em que recebe as amortizações dos seus devedôres, poderia julgar-me insolvente, — o que seria o menos, — e ingrato, — o que seria injustiça.

Além de quê, — e releve-me o meu amigo a pieguice da confidência, — eu sinto necessidade de ir desafogando de algum modo a infinita saudade, que veio pungir-me agora, nêste pállido outono de uma existência que parece não têr tido primavera...

Sobrestive pois nas minhas desculpas, e aqui estou eu traçando rapidamente, e ao acaso, as linhas desta missiva, movido apenas do desejo de não parecer ingrato, e do *gôsto amargo de infelizes*, que me impelle a abraçar e beijar a imagem do amigo ausente, do amigo que partiu para sempre...

Mas eu não posso biografar o glorióso poéta nem fazêr a crítica das suas obras. Via-as nascêr, vi-as triunfar, e tanto lhes quis, que me repugna a ideia da crítica, por mais justa que ella fôsse.

Depois, os periódicos já disseram bastante da biografia e bibliografia do poéta; e quem desejar possuir mais amplos pormenores biográficos, póde vê-los, dentro de poucos dias, nas largas e carinhosas páginas que, escritas pelo visconde de Sanches de Frias, um dos amigos mais íntimos do poéta, — se não o mais íntimo, — precedem a edição definitiva das *Peninsulares*, que ainda foi revista pêlo autôr, mas que elle não chegou a folhear impressa.

Essa obra é a corôa do poéta, corôa que há de perdurar, como se fôsse entretecida de festões de bronze; e a índole dos seus versos, tão característica, tão sua, é o reflexo de um intenso temperamento de meridional, ardente, devaneadôr, e, ao mesmo tempo, simples, singelo, quase ingênuo; e tanto repassaram o poéta os effluvios da alma popular, que muitas das suas trovas transcorrem hoje anonimamente o país, e não é raro ouvirem-se em noites de luar nas esfolhadas da Beira, ou em dias luminosos nas romarias do Minho.

Sabe isto, e muito mais, o Portugal letrado; mas o que todo elle não sabe é que o talento poético de Simões Dias não brilhava apenas na trova peninsular, na quadra singela e amorosa, no dedilhar incantadôr da guitarra de Almaviva: — Muitas das suas poesias, estranhas ao metro popular, e ás vêzes sem rima, sinto-as cantar no ouvido, como uma harmonia estranha, cheia daquella simplicidade eloquente e vaga, que eu só descubro na *Bíblia* e em Shakespeare.

Aos dezoito annos, cantava elle:

....
.. donde vêm tantos mundos que se agitam,
como seios de virgem, palpitantes
na valsa eterna do festim das noites...
....
Quero céu, quero estrêllas, mar e terra...
O' Bíblia do amôr!....................
Aberta sobre a rocha de granito
Na secular montanha das idades,
as gerações, que passam, vão submissas
beijar ás tuas lêtras, Evangelho!
.... As tuas lêtras
são vermêlhas, da côr do nosso sangue;
por isso ó Bíblia canta, se em ti leio,
no arco das tuas vírgulas suspensa
minha alma vai pairando noutros mandos,
paraisos de amôr...... ....,
eldorado infantil de um sonho lindo.
....
Quando as ondas do mar dormem na praia,
as aves no seu ninho, e o arvorêdo,
nem sequer sente menear-lhe a coma
o respirar da aragem.....................
....
eu sinto ás vêzes repassar-me os seios
aroma tão suave e delicado,
que julgo sêr aquillo algum suspiro
da tua bôca, lirio....... ....
Dize á brisa que passe e que não dobre
as fôlhas dêste livro, onde me curvo,
a soletrar o amor!................ ......
....
Há de passar o sol pêlo deserto,
e seu manto de fôgo enregelar-se
na solidão dos polos, desmaiado,
e tu..................................
hás de existir comigo noutros mundos,
nos páramos do amôr, que Deus habita.
Há de ao cáos volvêr o mundo inteiro,
o vento emmudecer, seccar o oceano,
sumir-se para sempre a terra e a vida,
e tu, estendendo ao longe as asas brancas,
minha alma... roubarás ao nada!

Dizem que a admiração é, ás vezes, o princípio do amôr. Eu, ainda criança, pude admirar o talento poético de Simões Dias; e da admiração pêlo poéta surgiu realmente o amôr fraterno, que, durante trinta annos, me ligou ao homem. Dêsde a porta férrea da universidade, (1868), até ao seu gabinête de chefe de secretaria do lyceu de Lisbôa, nunca o perdi de vista no caminho de uma honrada e trabalhosa existência, onde os triunfos fôram muitos, mas não tantos como as amarguras.

Poderia julgar-se no vigôr da existência, se as lutas da vida lhe não tivessem alquebrado o organismo, e se a fortuna, que frequentemente é tôda afago e mimo para os imbecis e maus, não viesse cavando, dêsde muito, a sepultura em que havia de apagar-se aquelle bonissimo e claro espirito.

Muitos o deploram, porque são rarissimos os joalheiros que, entre os seus artefactos, apresentem um collar de pérolas como as *Peninsulares*; outros, como eu, o choram, porque as suas pérolas, que valiam muito, não valiam mais que o seu coração de oiro.

Candido de Figueiredo.

DR. JOSÉ SIMÕES DIAS

NOTAS BIOGRAPHICAS

José Simões Dias nasceu na aldeia Bemfeita do concelho de Arganil, por 1844, filho de Antonio Simões Dias e de D. Maria José Gonçalves.

Concluiu os estudos preparatorios em 1858 e tres annos depois terminava o curso de theologia no Seminario de Coimbra. A 3 de julho de 1868, formava-se na Universidade e convidado a doutorar-se para professor da faculdade, não acceitou o convite, porque Simões Dias não se incli-

nava para a vida ecclesiastica e doutorou-se em Direito.

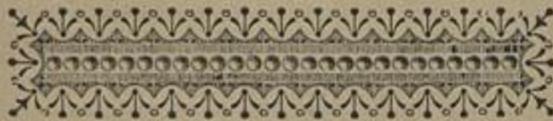
Dedicou-se então ao professorado particular e concorreu depois ás cadeiras creadas por lei de Martens Ferrão, sendo despachado professor proprietario da cadeira de portuguez, francez, latim, economia rural, e administração publica, em Elvas.

Em 1870 veio para Lisboa em commissão para o ministerio da justiça e em 1878 foi nomeado secretario do lyceu de Vizeu, onde esteve bastantes annos. Ultimamente occupava a cadeira de litteratura no Lyceu de Lisboa.

Em politica seguiu o partido progressista e foi eleito deputado por Mangualde em 1880 e 1881; em 1885, 1886 e 1887 por accumulação; em 1888 e 1889 por Pombal e de 1891 a 1892 por Mertola.

Jornalista, foi por algum tempo director do *Correio da Noite*. Fundou o jornal o *Globo* e por fim dirigiu o *Tempo* que deixou para se retirar da vida activa da politica. Collaborou na revista *Educação Nacional*. Publicou os livros: *Curso de litteratura portugueza*, comprehendendo: *Theoria da composição litteraria; Historia da litteratura portugueza. Ensaios de critica e historia*, comprehendendo: *A escola primaria em Portugal; A instrucção secundaria* (lei de 1880); *A pedagogia Official; A Hespanha moderna*. Collecção de historias contemporaneas: *Contos em prosa; As mães; O peccado e Figuras de Cera*, no prélo. Traduziu e publicou: *Curso de philosophia elementar* de Balmes; *Historia da philosophia*, de Balmes; *A Flôr do pantano*, de Carlos Rubio.

O seu grande livro de poeta é — *As Peninsulares*, que só por si basta para eternisar o nome de Simões Dias como um dos primeiros poetas portuguezes.

O Dr. José Simões Dias, falleceu de uma lesão de coração, em Lisboa no dia 3 do corrente.

AS NOSSAS GRAVURAS

REAL THEATRO DE S. CARLOS

A SERRANA

Opera de Alfredo Keil

Não são tão frequentes as representações das operas portuguezas, que não seja com verdadeira alegria que vimos mencionar o triumpho alcançado por Alfredo Keil no theatro de S. Carlos com o seu ultimo trabalho *A Serrana*, letra d'um poeta portuguez illustre, Henrique Lopes de Mendonça.

O auctor da *D. Branca* e da *Irene* achava-se d'esta vez em frente d'um assumpto extremamente simples e de passagens campesinas, amando, soffrendo, luctando, sem psychologias complicadas. A nova feição do artista havia de manifestar-se forçosamente, para traduzir em musica toda aquella acção para novos recursos havia de appelar.

E por tal forma o soube fazer, tão singulares dotes revelou em grão desconhecido, que o publico desde o principio da opera começou manifestando o seu agrado, pedindo *bis* no primeiro acto ao brinde do barytono, ao côro das cantadeiras e aos descantes da sr.ª Tetrazzini e do sr. Ragni

Lopes de Mendonça, o illustre collaborador de Alfredo Keil, participou dos applausos com que no final de todos os actos o publico encheu auctores interpretes e maestro.

A peça foi posta em scena com o maior esplendor.

Eva Tetrazzini a protogonista de *A Serrana*, é uma das mais queridas cantoras do publico que frequenta o theatro lyrico. O seu grande talento permitte-lhe o abarcar todos os generos, sendo n'elles todos distinctissima. Recebeu n'essa noite enormes ovações, bem como os mais interpretes Cartica, Ancona, De Grazzia, Ragni e Degrain.

A opera foi admiravelmente ensaiada por Campanini a quem Alfredo Keil offereceu um grande e bello prato de prata lavrada.

Alfredo Keil recebeu muitos presentes, flôres, corôas e ramos.

Todos mereceram os applausos com que o publico lhes pagou o trabalho artistico.

E' caso para que todos nos felicitemos.

OS FORASTEIROS NA RUSSIA

POR

POULTNEY BIGELOW

A seguinte, e assaz curiósa narrativa, dáta do anno de 1893 e é devida á penna de um d'esses officiaes do exercito americano, enviados pelo seu governo em commissão á Europa, no intuito de estudar as instituições militares e ainda outras circumstancias importantes e dignas de attenção, nos diversos paizes, e que, alem dos seus relatorios, não ráro publicam, ex-officio, recopilações das suas notas e impressões pessoaes, em extremo interessantes e instructivas, nas magnificas revistas litterarias que tanto abundam alem mar.

I

Iamos de jornada no caminho de ferro que liga Alexandrow com Varsovia. Tanto eu como Remington, artista que me acompanhava na minha missão official, occupava-mos um compartimento reservado, e tractavamos de installar-nos o mais commodamente possivel, estirados ao comprido, um defronte do outro, sobre o respectivo assento estofado. Transportava-nos o comboio «expresso» o que na Russia significa um comboio que não admitte gádo, e que attinge velocidade eventual não inferior a vinte cinco milhas por hora. Momentos depois de nos havermos affastado da fronteira germanica, um official muito alto e barbaçudo, com uma barretina de Astracan, calças largas mettidas nas botas altas, casáco apertado pelo cinturão, abriu de sobresalto e com movimento em extremo rapido a porta do nosso compartimento. Permaneceu immovel por instantes, observando-nos intensamente; em seguida consultou um papel que tinha na mão, tornou a volver-me olhar prescrutador e virou costas, dirigindo algumas palavras a um individuo trajando uniforme identico e perfilado por detraz d'elle, que ate ali estivéra encuberto á nossa vista pela porta da carruagem, mas que, n'este momento, deu um passo á frente, collaborando com o companheiro no escrutinio de nossas pessoas.

No podiamos, dadas as circumstancias, deixar de considerar semelhante procedimento um acto de impertinencia, visto como cada um de nós vinha munido de um documento, technicamente conhecido como «passaporte especial», e pelo nosso governo unicamente outorgado aos seus agentes acreditados e aos quaes incumbe missão tambem especial.

Estes documentos haviam sido firmados pelo respectivo secretario de estado em 4 de março de 1892, e incluiam não sómente o pedido de concessão de livre passagem ao portador, sem impedimento ou incommodo de qualquer especie, mas tambem que lhe fossem dispensados auxilio amigavel e protecção, equivalentes áquelles que, em identicas circumstancias, todo e qualquer cidadão de nação estrangeira encontraria nos Estados-Unidos».

Eu levava, alem d'isso, comigo segundo passaporte, em que ia incluido o nome de minha mulher. Esse, porém, era apenas o passaporte ordinario, que não invocáva *auxilio e protecção amigaveis*, mas simplesmente «auxilio e protecção legaes».

Vendo que o barbaçudo militar persistia na escrutinisação de nossas pessoas, tentámos affectar indifferença, e entregámos-lhe os nossos bilhetes, que elle aceitou machinalmente. Depois, atirou com a porta, e mais uma vez ficámos sósinhos.

A nenhum de nós agradou sobremodo este episodio, viajavamos com fim legitimo, e pozéramos especial cuidado em estabelecer a nossa identidade nas repartições competentes. O governo dos Estados-Unidos encarregára-me de elaborar um relatorio ácerca dos meios mais efficazes de proteger a nossa costa maritima contra os insultos do vento e das ondas, e figurava entre as minhas instrucções a recommendação de notar circumstanciadamente quanto se tivesse feito em toda a extensão dos areaes do mar Baltico, cujas condições apresentam extrema afinidade com as das nossas costas de Long-Island e New Jersey.

— Que nos quereria o homem? não me dirás? — inqueriu Remington.

— Queria um rublo — respondi —; e tinhamos amigo para o inverno; e dando o assumpto por liquidado, tratei de enrolar o casaco para me servir de travesseiro.

— Não me cheira! — insistiu Remington, d'ali a pedaço. Aquelle estafermo hirsúto mirou-te com attenção que valia bem mais de um rublo, — tudo era olhar para o papel, como quem confrontava a tua pessoa... E tu, desde que tiraste o passaporte, deixaste crescer as barbas...

— E o que é que elle tem com isso? — observei.

Effectivamente, eu deixára de fazer a barba durante o inverno todo, entalára um dedo da mão direita ao experimentar uma peça de machinismo. Não percebia, porém, o que é que a policia tinha que ver com isso.

— O caso é, proseguiu Remington, com certo emphase, que aquelle trangalhadansas barbaçudo é capaz de nos metter em trabalhos. Já me está o corpo a doer. Que me préguem um tiro, não é isso que me dá cuidado, o que me não sorri mesmo nada, é que apresentem comigo de conserva para ahi n'uma prisão qualquer. — Boa noite.

II

Parou o comboio — eis-nos em Varsovia. Remington e eu entregámos as malas ao bagageiro do hotel, em vez, porém, de subir para um omnibus ou para um trem, esgueirámo-nos por entre a turba-multa, e, com o auxilio do mappa, palmilhámos pelas ruas, a fim de ver de relance a cidade antes de arribarmos ao hotel.

Eu travára em Paris conhecimento com um poláco, muito intelligente, proprietario rural, a quem promettera uma visita. O endereço que elle me entregára, referia-se a um chimico allemão, estabelecido com uma drogaria em grande escala. Eu devia perguntar pelo senhor *X.*, no acto de me apresentar — o resto era com elle.

Isto, á primeira vista, parecia um modo assaz exquisito de realisar uma visita, simples quanto innocente, — mas se não havia outro! Entrámos na drogaria, a pretexto de comprar uma escova de dentes, e, como por incidente, perguntámos pelo senhor *X*; appareceu nos este, sahindo de um aposento ao fundo da loja; fingi precisar d'uma droga chimica qualquer, e, quando nos achámos a distancia de ninguem poder ouvir-nos, perguntei-lhe pelo meu amigo. Os modos do senhor *X* transformaram-se no mesmo instante; levou-me para o quarto do fundo, entanto que o Remington ficava a escolher a escova de dentes, e assim que adquiriu a certeza de que era effectivamente o individuo recommendado com certa anciedade, proferiu:

— Já estiveram no hotel?

— Respondi, que não.

— Ainda bem, retorquiu, como que alliviado. Tem a certeza de que não foi seguido desde a estação até á porta do meu estabelecimento?

Contei-lhe o modo por que dispozéramos da nossa bagagem, em como nos haviamos esgueirado por entre a multidão, e affirmei-lhe que, a meu ver, se alguem nos trouxera de olho durante o nosso transito no comboio, esse alguem, com certeza, não lograria seguir-nos até á porta do seu estabelecimento sem que nós déssemos por isso.

— Fizeram bem, disse; no entanto, melhor será que não vão procurar o sr. Zerowski — que assim se chamava o tal nosso amigo. O que devem é recolher desde já ao hotel, que se andarem muito tempo cá por fóra, o facto não deixará de levantar suspeitas. Não profiram uma palavra deante dos creados. Se têm papeis d'algum modo confidenciaes, tragam-nos sempre comsigo. Cinco minutos depois da entrega dos seus passaportes, entrar-lhes-ha pela porta dentro um espião policial. Dar-se-ha por americano, ou pelo menos por ter vivido na America e ser affecto á gente americana. Empenhar-se-ha em esquadrinhar o que os senhores têm feito e o que projectam fazer, e collocal-os-ha sob a vigilancia d'alguem. Assim que os senhores saiam a tratar da sua vida, far-lhes-ha revistar a bagagem; o melhor é não fecharem á chave as malas. Digam-lhe que partem de manhã cedo para S. Petersburgo, e que, portanto, vão rehaver os seus passaportes; promettam lhe um rublo; pelo sim, pelo não. De caminho, vão arribar ao café Tomhof ás tres e cincoenta, em ponto, mas não dêem a perceber que esperam por alguem. O Zorowski lá irá ter com os senhores cinco minutos depois, como por mero acaso, não sei se me entendem. E adeus.

Pin-Sél

(Continua)

O ULTIMO REQUIEM

PHANTASIA LYRICA

I

Alto, magro, anguloso, o olhar sobranceiro fito no espaço, viam-o todos os dias, ao cair da noite, dirigir-se para o theatro. Nos grupos que elle ia atravessando, voltavam-se alguns ás vezes, com

uma expressão singular, como se á passagem d'aquelle individuo tivessem sentido um choque electrico! É que tudo na sua figura impressionava; tudo, mas principalmente a fixidez do olhar.

D'ahi a pouco surgia na orchestra do Real Theatro uma cabeça, que tinha um quer que de mephistophelico; uma testa ampla e quadrada, um frontal proeminente, cheio de bossas, a que a luz superior dava um relevo enorme, e como que sublinhado por umas bastas sobrancelhas accentuadamente curvas, debaixo de cujas arcadas faiscavam uns olhos negros vivissimos. Uma barba fina e revolta sombreava-lhe a face, que elle, ás vezes, acariciava distrahidamente com a mão. Mão de artista, comprida, sêca e nervosa.

Ali se conservava, quasi immovel, percorrendo com o olhar vago a sala e os *dilettantes*, que vinham entrando. Passavam-se mezes sem que elle trocasse uma palavra com os seus collegas! Respeitavam elles essa misanthropia: conheciam-a ha muito. Fôra sempre assim desde os bancos do Conservatorio. Grande talento e grande excentrico.

—Adeus, mestre—diziam-lhe os mais intimos, quando passavam junto d'elle.

— Adeus, rapazes — respondia-lhes uma voz de baixo profundo, cava, lenta, e que parecia vir de longe, uma voz de ventriloquo. E ás vezes, raras, repetia o—Adeus, rapazes, e trocava com os collegas um aperto de mão.

Era o Cesario.—Um artista de primeira ordem—o primeiro violoncello do mundo, se elle quizesse: diziam-o todos os musicos, sempre que o ouviam. Mas era um original, e o mundo não o tentou...

Com effeito era extraordinario, surprehendente, o sentimento, a expressão que elle dava ao instrumento. Quando, em certas operas, a orchestra estacava, calando-se de repente, e viam o artista chegar a si o violoncello, como se quizesse communicar-lhe os arroubamentos, os extases da sua alma, fazia-se um silencio absoluto: tudo, ouvindo-o, ficava immovel na vasta sala! Depois começavam os *bravos*, e iam num crescendo, como se toda a platéa vibrasse sob o seu arco! Uma trovoada de palmas e acclamações enthusiasticas, coroava o *solo* do sublime artista! E era sempre assim, quando tocava.

* * *

Como se tudo nelle devesse ser extraordinario, a sua admissão na orchestra do theatro lyrico não foi como a de todos os outros artistas. Contou-m'a o folhetinista M... uma noite em que o famoso *virtuose* alcançara mais um dos seus triumphos.

Adoecera, á ultima hora, em noite de opera, um dos violoncellistas — o primeiro — e ninguem sabia como remediar a falta, quando um dos musicos lembrou o nome do Cesario. Correram em busca d'elle, acharam-o, e

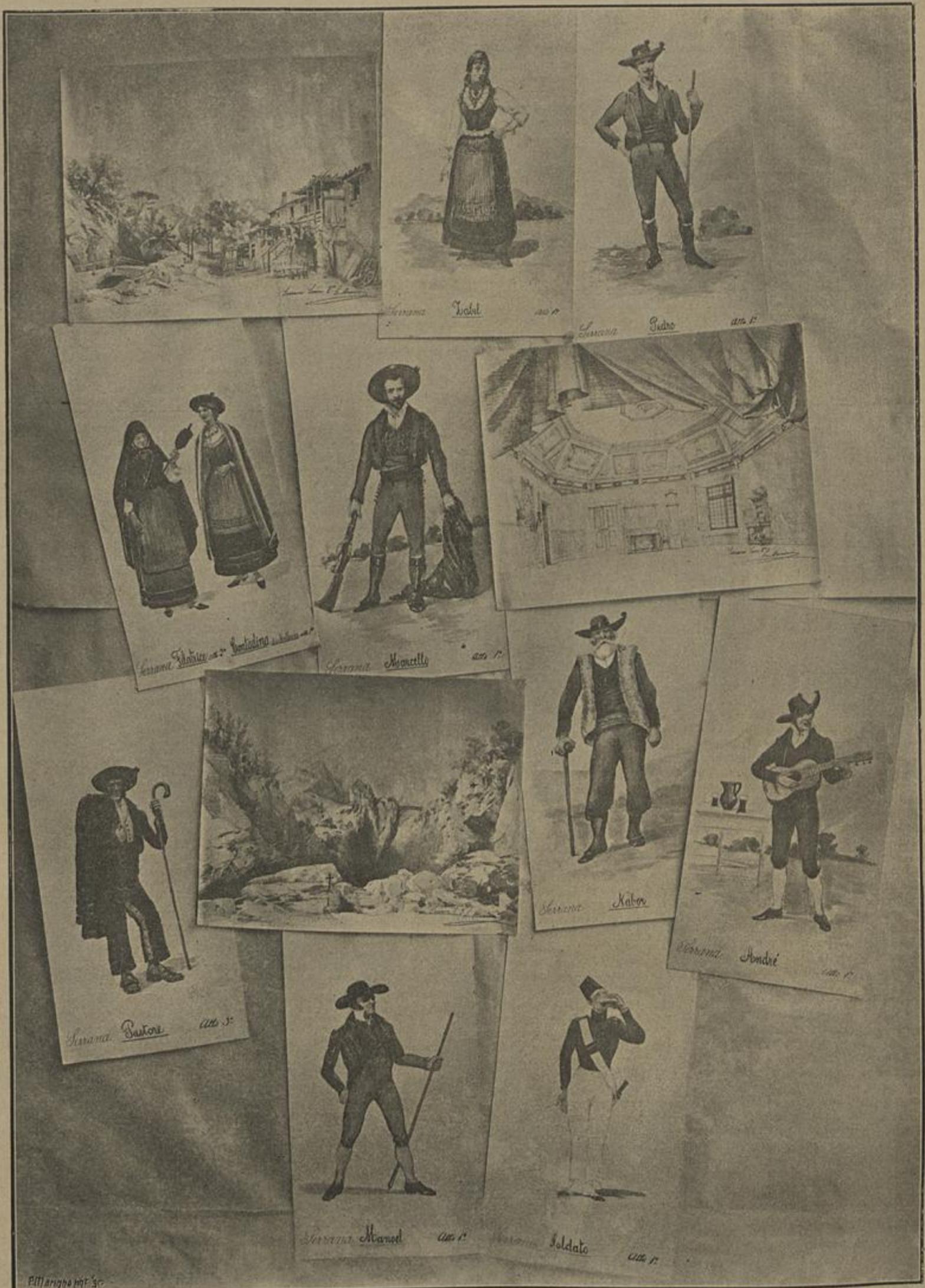
REAL THEATRO DE S. CARLOS

O MAESTRO ALFREDO KEIL, AUCTOR DA OPERA *A Serrana*

O MAESTRO CAMPANINI

A PRIMA DONA EVA TETRAZZINI

A OPERA «A SERRANA»

REAL THEATRO DE S. CARLOS

SCENAS E PERSONAGENS DA OPERA «A SERRANA» DO MAESTRO ALFREDO KEIL

trouxeram-o, explicando-lhe o caso, e encarecendo-lhe o serviço que prestava á empreza e ao seu collega, ao seu irmão d'arte. Elle accedeu. Entrou na orchestra sereno, dirigiu-se ao logar que lhe indicaram, experimentou o instrumento em que ia tocar pela primeira vez, e depois voltou-se para a platéa, circumvagando os olhos pela sala e pelos camarotes.

Levantou-se o panno, finda a symphonia d'abertura, e correu o primeiro acto da opera, durante o qual os dilettantes da superior tiveram occasião de notar a ausencia do primeiro violoncello e a sua substituição por um desconhecido. Entrou com elles a curiosidade; no segundo acto havia um *solo* logo no principio: era extenso e de responsabilidade.

Depois dos primeiros accordes da orchestra que serviam de introducção, na sala fez-se o silencio mais profundo; na superior os velhos amadores tomaram as suas posturas favoritas dos momentos solemnes, como juizes no seu tribunal, e na orchestra os musicos, com o gesto suspenso, viam-se voltados todos para o novo collega, que se achou assim o fóco, o ponto central das attenções.

A's primeiras arcadas todos sentiram que estava ali um grande artista. O instrumento em que elle tocava todos elles o conheciam, mas nunca lhe tinham notado tamanha sonoridade, e a execução era de tal modo larga e firme, o canto saía com tão serena correcção, que os *bravos* principiaram logo a acompanhal-o, em surdina, e continuaram até á ultima nota, que elle vibrou, fremente, extensa, e com uma afinação magistral. Houve um momento, um breve intervallo de silencio, em todo o theatro... Depois, como se toda aquella multidão despertasse, se sentisse liberta d'um poder superior, d'uma fascinação que a dominasse, ouviu-se um *bravo* enorme, unisono, e rompeu a ovação mais completa que um artista póde ambicionar, nos seus sonhos de gloria e de triumphos!

— Imagino — disse eu.

— Não imaginas, não — replicou M... O caso não ficou aqui. Foi tudo raro, excepcional naquella noite. A orchestra, que tomou parte na ruidosa manifestação, ia proseguir e os cantores, quando imperiosos signaes de silencio, que partiam de todos os pontos da sala, a fizeram calar.

— *Bis! bis!* — é o que se ouvia, entremeiado com uma nova salva de bravos. Cesario, commovido por aquella inesperada acclamação, ia tocar de novo. Pensaram todos que repetiria o *solo*, mas d'ahi a pouco, maravilhados e de novo surpresos, viram que o que elle tocava agora eram variações sobre aquelle thema, assombrosas pela execução, deslumbrantes pelo imaginoso do estylo, d'um sentimento raro e original, umas profundas, outras ligeiras, aereas, como se ouvissemos no espaço a musica d'uma choréa de sylphos!

A palavra — continuou elle — não tem poderes para dar uma idéa exacta d'estas coisas... Os poetas imaginam-as, os musicos — os Litz, os Paganini — outra especie de poetas — executam-as, realisam-as; mas a sensação exacta, completa, só a tem quem os ouviu, e a esses mesmos esvae-se-lhes com o tempo. É como um sonho — não se póde reproduzir!

Os cantores, os musicos, a platéa, tudo esquecera a opera — o prodigioso violoncello tinha conquistado todos os animos! Tudo applaudia freneticamente! Elle, o artista ha pouco desconhecido, agora triumphante, acclamado e grande — agradecia sereno, quasi impassivel, as manifestações do enthusiasmo, que despertara. Ainda me parece que o estou vendo ali.. E o meu interlocutor apontou para o logar da orchestra Que physionomia, que olhos elle tinha! Que expressão! Paganini devia ser assim.

— A esse, meu pae ouviu-o em Londres, em 1828 — disse eu. Era extraordinario na scena. Em pé, no palco, tinha o gesto altivo e dominador d'um rei!

— Este, o Cesario, nunca o vi no palco, não saía do seu logar, mas parecia levantado, e grande, como se estivesse num throno! Tudo desapparecia, quando elle tocava!

No fim d'essa noite, corrido o panno, a platéa em massa chamou-o, aplaudindo-o delirantemente. Tudo em pé nos camarotes. Divulgara-se o caso, e em todos o assombro crescera, se era possivel, quando souberam a historia do artista, que um acaso pozera em tal evidencia. Mas subiu tudo isto de ponto, e o pasmo, foi geral, quando, pedindo-lhe o *maestro*, regente da orchestra, elle tocou outras variações, tão originaes, tão deslumbrantes, tão extraordinarias como as primeiras!

E tudo improvisado perante um auditorio como este, com o genio e a audacia que Deus dá ás organisações excepcionaes!

II

Decorreram muitos annos. Uma noite de inverno, escura, nevoenta, seguia eu por uma rua dos velhos bairros da cidade antiga, quando, de repente, ao approximar-me d'um d'esses cafés, enfumados antros, onde se reune uma sociedade equivoca, mesclada com os rufiões das ultimas camadas do povo, a porta se abriu, e chegaram-me aos ouvidos os sons graves d'um violoncello, casando-se, admiravelmente afinados, com os arpejos d'um piano.

O instrumento não era proprio d'aquelle logar. Nem o instrumento, nem o artista! Tocar assim só eu ouvira um, e esse não pôdia estar ali!... Quem seria então?...

E com este soliloquio eu parei. O dueto continuava.

— É .. Não, não é... Não póde ser! — ia eu já dizendo alto comigo. Mas assim não ha outro... O pianista é bom, não o conheço... Mas o violoncello é... não póde deixar de ser; é o.. E não me atrevia a dizer a mim mesmo o nome glorioso do grande artista!

Como havia de ser elle?! Impossivel, absolutamente impossivel... A não ser que estivesse louco .. Mas se estivesse louco não tocaria assim...

E dentro da espelunca, que parecia deserta, tão grande era o silencio, continuavam a tocar os dois instrumentos.

A minha razão não queria acceitar a evidencia dos sentidos, reconhecer-lhes a auctoridade: parecia-me uma offensa mortal á dignidade sacrosanta do genio. Não me restava senão um meio de sair da duvida, que me combatia: era entrar e ver. Venci a minha repugnancia, e entrei.

Pedia o lapis de Callot o interior da espelunca! Ninguem deu pela minha apparição. Sentei-me a um canto ao pé da porta, numa mesa, a unica que não tinha freguezes. Os olhos e as attenções estavam voltados para o fundo da casa, onde tocavam os dois *virtuoses*, que eu não via. Como numa sala onde estivesse a flor da alta sociedade, todos escutavam silenciosos; apenas os olhares trocados entre si denunciavam a vida, as impressões recebidas! Aquelle espectaculo lembrou-me a tradição pagã do Orpheu, amansando os tigres! Que expressão a d'aquelles rostos, em que vinha espelhar-se o interior das almas, d'aquellas cavernas lobregas, onde, como numa jaula, dormiam, subjugadas pela Arte, as paixões d'aquelles selvagens que, mesmo no centro das cidades, vivem nos confins da civilisação!

Os artistas estavam encobertos por um grande biombo de papel ordinario, com figuras chinezas, esburacado e sujo; mas quando acabaram de tocar — lembro-me bem da musica, era a *Symphonia* da *Semiramis* — surgiram detraz d'elle dois vultos: um não o conheci, o outro era o Cesario!

O Cesario!... Elle alli!... Os meus ouvidos não me tinham enganado. O grande artista que tocara na presença de reis e de principes, descera áquella miseria, áquella ignominia, e parecia ter escolhido aquelle logar, para se penitenciar dos assomos de desvairado orgulho, que porventura sentiu nas noites dos seus estrondosos e inebriantes triumphos! Rufiões da mais infima classe, frequentadores do banco dos reus, figuras patibulares, era o que eu via á volta das mal seguras e esqualidas mesas, mas a omnipotencia da Arte e do talento fazia-se sentir ali tanto como, debaixo dos tectos doirados, nos frequentadores dos aristocraticos *fauteuils* do grande theatro lyrico!

O borborinho de taes reuniões, sopitado pela musica, recomeçou logo, e eu fui-me, a pouco e pouco, aproximando do outro extremo da casa, onde, encostado a uma mesa redonda, vi o grande artista. Sentei-me em frente d'elle, cumprimentando-o Elle correspondeu-me com um leve aceno de cabeça, mas no rosto pallido transluziu-lhe uma expressão singular. Não era o enleio, nem a vergonha de ser ali descoberto por um dos seus antigos admiradores, porque elle não me conhecia pessoalmente. O que eu vi nos seus olhos foi uma interrogação admirativa: — parecia perguntar a si proprio porque era que eu estava ali... Elle não pensava em si naquelle momento, estava bem em toda a parte — rei da Arte, reinava em todo o mundo: pouco lhe importava o logar e a qualidade dos seus subditos!

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO II

V

CURIOSIDADE PARISIENSE

Viviamos, como gente da sociedade, fóra da sociedade. Não eramos recebidos em casa da Princeza de Metternich nem na da Princeza Mathilde, mas andavamos um pouco por toda a parte. Apresentei Violante como uma neta dos doges de Veneza, um pouco estranha aos habitos modernos. Paris é hospitaleiro para as estrangeiras: gosta de Veneza de longe e não se lhe dá de amar as venezianas de perto. Mas d'essas nunca veem a Paris. As venezianas só dão a volta ao mundo em suas gondolas. Quantas, até entre as mais coquettes, nunca viram a Italia! Que mostrem ao sol a belleza, estão contentes; e o sol, que ainda mais contente fica, dá-lhes essa aureola de fogo, oiro e luz, que é a magia dos cabellos venezianos.

Todos os curiosos se apinhavam em torno a mim, quando se dizia que Violante era uma veneziana de Veneza. Tinha uma irradiação sympathica: todos á primeira vista a adoravam. Até gostavam da sua pronuncia e do modo como embrulhava as palavras francezas e venezianas! Que encanto ouvil-a cantar! Que lindo chilrear a um tempo alegre e melancolico!

Iamos muita vez a casa d'uma princeza decahida, que se apaixonára doidamente por Violante; não havia carinhos que lhe não fizesse; por isso Violante, sempre muito mettida comsigo, tinha com a princeza expressões de criança. Que lindo duetto de palestras intimas! Como as duas se harmonisavam em todas as questões femininas! Como se encontravam a cada instante no labyrintho dos sentimentos! Era coisa para escrever-se.

Fazem-se livros segundo livros, nunca segundo os corações. Quantos romancistas nunca desceram a janella para olhar para o mundo e se contentam com estudar os mais antigos romances! O proprio Balzac nada havia visto; mas ao menos esse adivinhava. Tanto faz! Balzac ha de passar — como o café. De resto o que fica? *Daphnis e Chloé* e *Manon Lescaut*. Apenas *Paulo e Virginia!*

Violante estava em Paris como n'um theatro. Com tudo se divertia; mas a cada espectaculo novo dizia-me:

— Sabes porque me divirto tanto? Porque gosto de ti!

Por mim, o meu maior gosto era mostrar-lhe tudo, porque sua curiosa intelligencia melhor me deixava tudo ver. Os olhos de Violante é que me fizeram conhecer Paris. Bem sabem que nenhum de nós, que tanto gostamos de viajar, fez bem a viagem de Paris. Em muita inaudita coisa curiosa conhecemol-o apenas por ouvir dizer.

Quanta perigrinação fizemos pelas egrejas, nós perigrinos do amor! Como toda a veneziana, Violante era catholica fervente De coisa alguma gostava, fóra do theatro, como das egrejas. Nunca um domingo faltou á missa. E não rogava a Deus por pretenciosa e por que a vissem, e nunca respondia aos olhados dos que procuram aventuras á hespanhola.

Nunca viu maldade em que se gostasse ao mesmo tempo de Deus e do amante; não achava n'isso profanação. Quanta vez, a qualquer hora, passando em frente d'uma egreja, corria a molhar o dedinho na pia de agua benta e fazia alegremente uma genuflexão á Virgem, com a expansão de quem encontra um amigo.

— Vês tu? dizia-me. A belleza da religião está em que toda a parte a encontramos. E entretanto as madonas de Veneza teem outra doçura que não as de Paris.

E com isto, punha-se a cantar qualquer canção d'amor, achando naturalissimo obedecer a cada impulso da alma.

Como lhes disse, tudo ella queria ver. Mais d'uma vez, á noite, meio velada, arriscou-se até ao Mabille ou á Closerie des Lilas. Por um nada, não se atirou ás valsas e contradanças, rindo como doida, quando alguma d'aquellas *senhoras* com a ponta da bota apagava o lume d'algum impertinente, que se atrevia a fumar deante d'ella.

Tudo conheceu. Deu sua entrada na Crapeandière de Bougival; mas ao lembrar se das gondolas venezianas, metteram-lhe dó os horrorosos botes d'aquelles nadadores de agua doce.

Não precisou de muito tempo para perceber Paris até aos andares subterraneos. Embora se divertisse muito, dizia que Paris era cidade por demais e que era a sua cara Veneza muito mais impenetravel. Effectivamente, força é confessal-o, quem saboreou Paris até á embriaguez e á orgia, depressa percebe que o prazer é sempre o mesmo, porque é sempre o mesmo amor.

VI

POR AQUI, POR ACOLÁ

Uma bella tarde, lembrei-me de partir para Ems, calculando poder renovar os meus quinhentos mil francos reduzidos a cinco mil luizes bem contados. Sabido é como essas ultimas effigies da riqueza se derretem nas mãos. Não occultei a Violante o estado das minhas finanças e dei-lhe conta das minhas tenções.

— Vamos a Ems, respondeu. Has de ganhar um milhão. Vou ver-te jogar e dar-te-hei sorte.

Em Ems, passados oito dias de febre e d'incerteza, consegui realisar uma perda de vinte mil francos. Tive animo de parar. Estava por demais apaixonado para arriscar n'uma carta o coração. Sobejavam-me cento e oitenta mil francos; era um anno de felicidade.

Começou então para nós uma vida nova.

Cada manhã perguntava a mim mesmo aonde nos levaria a impetuosa paixão, que me agrilhoava ajoelhado aos pés da minha loira veneziana e me tornava inhabil para buscar um futuro social, fosse qual fosse. Essa idéa tornou-me muita vez pensativo, distrahido, sombrio. Violante cuidou que era o meu amor que esmorecia. Ergueu-se entre nós, mansinho, lenta e misteriosamente, mas sem descanço, um muro implacavel. E entretanto nunca como então eu gostei d'ella. O que não impedia que mulher que me viesse á mão eu a não acceitasse por uma hora. Chamei em meu soccorro todos os atordoamentos e a embriaguez da mais insensata das vidas.

Nem por isso deixava de sentir rajadas de amor louco; queria expirar nos braços de Violante; mas queria que ella morresse comigo — lei fatal do egoismo!

Muita vez a via triste, surprehendia-a com os olhos cheios de lagrimas, mas não sei que absurda indecisão impedia o começo da explicação franca e rude. Como dizer-lhe que haviamos de renunciar áquella vida cheia de todos os encantos parisienses, de todas as preguiças orientaes? Não iria ella largar-me, para junta com outro buscar prazeres a que eu já não podia voltar a acompanhal-a?

Ao pensar n'isto, endoidecia, multiplicava expedientes; lancei-me com ardor selvagem em ruinosas extravagancias, sempre atraiçoando Violante e só d'ella gostando. O logica da paixão! Quanto mais a trahia, mais a amava!

Por estranho acaso, os unicos amigos, a quem posso, sem córar, contar esta historia, são exactamente os que não puderam observar-lhe todas as loucuras. Durou aquillo tres estações. Quasi todos estavam então fóra de Paris. Ouviriam quando muito, fallar por alto das nossas *soirées*, bailes, vertiginosas festas.

Foram ceias e illuminações no lago d'Enghien; foram jantares de Paris comidos sobre as rochas de Dieppe, em tendas de purpura de que não desdenhára o proprio duque d'Antin. Que mais sei? Festas em Bade que principiavam á segunda-feira e terminavam na quarta.

Para onde quer que eu fosse, preparava-lhe uma côrte. Ainda hontem, a este respeito, achei entre as cartas d'ella este pedaço d'um jornal de Bade:

«Podem a ver todos os dias no terraço. É alta. Ampla formosura, mas não pezada. Dir-se-hia uma d'essas mulheres que o Veronez pintava com tons esplendidos, vestia de ricos estofos de brocado e punha no primeiro plano de suas telas. A cabeça é largamente modelada, altiva e suave. Os olhos ordenam, a bocca sorri.

«Bastos cabellos estrellados de perolas, enrolados com a negligencia da riqueza, relampejam com tons fulvos. Um *tudor* corôa as tranças d'oiro brunido, ao modo dos diademas cingindo as frontes das rainhas merovingianas. A graça impera em todos os gestos d'essa linda mulher. Pudesse um esculptor entretecer-lhe nos cabellos um ramo de vinha e ella lhe fosse modelo para uma das nymphas que criaram Baccho menino. Enganome: ella é uma nympha de Diana.

«Vestida de preto, é incomparavel sua formosura de rainha. Sabe ser bella. Não ostenta a belleza, parece até que não quer que lh'a notem; mas todos voltam os olhos para vel-a, e, se ella dá por isso, adeja-lhe na bocca o que quer que seja de indefinivel. Ha mysterios de bondade em seu sorriso, mas tambem um não sei quê estranho: a esphinge de Cytheron e a Jocunda do Louvre. Veste-se bem e simplesmente; mas, mesmo sem isso, — se ella o saberá? — seria a primeira. Cercada, adulada, procurada por todos, passa entre as ondas dos passeantes, arrastando os cortezãos no encalço, tão linda que deslumbra, tão natural que fascina.

«Mas ama um só, porque o ama.»

Muito naturalmente, com tantas loucuras, cavava se o abysmo sob a minha fortuna e erguia-se cada vez mais alta a muralha que me separava de Violante.

Ella, por vezes, tinha caprichos, saciedades, dias de spleen. Em Paris, succedia-lhe sahir de repente da casa de jantar, onde os nossos amigos discutindo, com o vinho de Campagne perdiam declaradamente o juizo, e eu ia encontral-a no quarto, a chorar.

Agora sei porque essas lagrimas corriam; mas então só sabia queixar-me e accusal-a. Scepticos, não acreditaes talvez, que ella chorava sobre o meu amor, que cuidava morto, sobre o passado que fugia, sobre o futuro onde via um tumulo.

— Em que pensas, Violante, tão tristinha? perguntava-lhe.

— Na morte, *mio caro*.

Hauteroche calou-se.

VII

COMEDIA

Querida Violante! Era pura como o oiro! Nada percebia d'este jogo das escondidas, que é o da vida parisiense. Era um coração aberto, detestando mascaradas. Ha mulheres que se comprazem com as traições, vivendo n'ellas como o peixe n'agua, descuidosamente. Violante não queria comedias d'essas. Um dia o marquez de Morsand — lembram-se d'esse tolo, que afinal se retirou para a sua casa de campo, depois de uma cobardia proverbial — disse-lhe nos Italianos, quando eu fôra a um camarote proximo, que estava doido de amores por ella.

— E aonde quer chegar? perguntou-lhe ella com a sua fina ironia.

— É simples, respondeu. Amo a, ha de amar-me, seremos felicissimos e Hauteroche tambem por nos ver felizes.

— Se é assim tão simples, seja. Mas como enganaremos nós Hauteroche, porque lhe affirmo que o contentamento d'elle não será tamanho como diz?

Morsand não era homem de imaginação.

— Quer vir a minha casa?

— Isso não; encontremo-nos n'uma frisa d'um theatrinho pequeno.

— Não dispensa o publico?

— No bosque de Bolonha então, no passeio da tarde. Encontrar-nos hemos á porta do *Pré Catalan*.

— Prefiro isso.

Ficou portanto combinado que se encontrariam no dia seguinte proximo do *Pré Catalan*, do lado das vaccas. Morsand, muito tolo, contou logo a conquista a tres ou quatro amigos, não deixando de lhes recommendar segredo para que mais depressa chegasse aos ouvidos de todos. Houve mais; quiz uma testemunha da aventura para que ninguem d'ella duvidasse. N'esse tempo todos me invejavam. Violante era então a mais linda e falada de todas as mulheres do *demi-monde*. Era portanto uma gloriasinha furtarem-m'a por uma hora ou para sempre.

Ao bater das nove horas, o sr. de Morsand estava no posto, acompanhado pelo amigo, que discretamente deveria afastar-se, logo que a dama apparecesse. Não esperou muito. Passados porém minutos, a dama chegou, velada, esquiva, encolhida, como convem ás apaixonadas que vão ás entrevistas. O marquez precipitou-se-lhe ao encontro, estendeu-lhe a mão e curvou-se para darlhe um beijo, porque era dos que preferem o caminho mais curto.

— Sabe, disse-lhe, que tenho aqui a carruagem a dois passos; seguiremos pelo caminho de Saint-Cloud. E' natural que a esperem, mas, d'aqui a meia hora, voltarei comsigo aqui ou á beira do lago.

A senhora não respondeu; parecia muito commovida; deu o braço ao marquez e deixou-se levar com todo o abandono d'uma mulher arrastada. Morsand não acreditava em tanta ventura. A meia duzia de passos d'ali, metteu a dama na carruagem, anichou-se ao lado d'ella, e toca!

— E eu que não o queria acreditar! dizia com seus botões o amigo testemunha. O diabo do homem conquista todas as mulheres!

N'esse mesmo instante soou uma gargalhada argentina. Era Violante que, encostada a meu braço, quizera gosar d'essa farçasinha nocturna!

— Não é verdade, perguntou-me, que tenho dedo para as comedias?

Violante troçara do tolo e do patife, atirando-lhe para os braços a lavadeira, que ella mesma vestira. Dando-lhe lições de dignidade, recommendára-lhe que fosse muito obediente até ao momento de entrar na carruagem; mas uma vez o marquez de voltas com ella, deveria ser um dragão de virtude, respondendo a qualquer tentativa com todas as revoltas d'uma mulher indignada.

Steeple-Chase interrompeu Paulo de Hauteroche, rindo e dizendo:

— Bem me lembro d'essa aventura. Á noite o marquez, veio ao gremio, onde já todos sabiam da historia; cada um de nós, por sua vez, foi-lh'a contar no maior sigillo. Nem escapou ao charivari! Com todas as pinças tocámos marimbas em todos os candelabros e copos do club.

— Foi assim, foi, disse Henrique de Lecluse, até me lembro d'uns versos que principiei. Mas o que não sabes, tu que nos contas essa historia, é que a tal lavadeira está hoje quasi na moda. Tão virtuosa foi com o marquez, de tanto belisção o encheu, que Savigny deu-lhe uma riqueza digna de inveja: quinhentos francos por mez, lições de piano, e duas horas de tipoia.

Mandou-se vir mais champagne e fomos todos para a janella ver por instantes o final da quadrilha no concerto dos Campos-Elyseos.

— Como Violante gostava d'esta musica de Offenbach! dizia Paulo de Hauteroche, que a cada passo encontrava lembranças da querida amante.

(Continúa).

NECROLOGIA

CONSELHEIRO FRANCISCO JOAQUIM DA COSTA E SILVA

O primeiro dia do corrente mez ficou assignalado na nossa historia da administração colonial com a morte do conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, em quem o paiz perdeu o funccionario superior dos mais distinctos.

O côro unisono de pezar que homens de todos os partidos prestaram ao seu passamento, foi um eloquentissimo elogio, que registamos como premio á vida laboriosa do illustre extincto.

A vida do conselheiro Costa e Silva bem se póde dizer que foi toda consagrada ás nossas possessões. Nomeado por decreto de 23 de abril de 1847 secretario geral da provincia de Angola, contando apenas 20 annos de edade, e d'ahi successivamente, nos cargos a que ascendeu de official e secretario do conselho ultramarino, até director geral do ultramar.

Segundo refere um seu biographo, Costa e Silva teve occasião de, no conselho ultramarino, estudar questões de elevado alcance e por vezes collaborou com alguns ministros da marinha em reformas importantes. Alguns dos decretos referendados por Luiz Augusto Rebello da Silva, e que ainda hoje vigoram, tiveram por principal collaborador o conselheiro Costa e Silva. Cita-se o que regula a administração das provincias ultramarinas, que está em vigor ha trinta annos, sem que os ministros se tenham atrevido a modifical-o.

Estava, pois, desde muito indicado naturalmente para director geral do ultramar o conselheiro Costa e Silva, quando em 1876 vagou esse importantissimo logar. No seu exercicio foi sempre dedicadissimo.

Na sua vida politica, Costa e Silva deu sempre provas da mais nobre integridade e desapaixonada affeição partidaria. Desde 1851, em que pela primeira vez foi eleito deputado por Angola, e nas successivas representações que fez, na camara, onde quasi nunca deixou de ter assento, dos circulos de Ovar, Cintra e Mafra, que bastas vezes o elegeram, até ao pariato, a que ascendeu em 1881, o conselheiro Costa e Silva manteve se um modelo da mais pura lealdade.

Em 1878 foi presidente da camara dos deputados, merecendo o respeito de todas as facções partidarias, graças ao seu bom senso e dignidade.

Embora actualmente estivesse affastado da politica activa, não o estava comtudo o venerando director geral do ultramar do desempenho das suas elevadas funcções.

Nas duas casas do parlamento, logo que constou a morte do conselheiro Costa e Silva, foram

dedicadas á sua memoria algumas phrases, que, devidamente ponderadas em relação ás pessoas que as pronunciaram e a quem se referiram, devem ser tomadas como a affirmativa mais solemne do valor do fallecido.

Recebemos e agradecemos:

Contribuições *da Sociedade de Geographia de Lisboa para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India.*

Mais tres volumes se podem enfileirar na extensa collecção d'estas contribuições litterarias e historicas. Com ellas tem feito a commissão executiva quantiosas despezas de difficil resarcimento attentas as estreitas condições do nosso mercado de livros.

Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa á India nos seculos XVI e XVII, publicados pelo nosso erudito confrade sr. Gabriel Pereira, é o primeiro d'esses tres volumes que temos presentes. O assumpto e a reconhecida competencia do auctor são attestados do subido valor da obra.

Historia dos Portuguezes no Malabar, por Zinadim, é o segundo dos volumes a que nos vimos referindo, um interessante manuscripto arabe que o estudioso professor sr. David de Mello Lopes traduziu carinhosamente e precedeu de uma erudita introducção.

La femme et la paix, appel aux mères portugaises, par Caïel, é o terceiro volume presente. Este appello ás mães portuguezas, mas escripto em francez, é devido a uma das nossas mais distinctas escriptoras, cujo pseudonymo firma varios trabalhos litterarios já ajuizados lisongeiramente.

La femme et la paix foi uma nova manifestação do brilhante espirito da sua auctora e que nos agradou bastante.

Ainda outros trabalhos se annunciam n'esta collecção, alguns de grande tomo, que muito a devem opulentar, mas que tornarão difficil a sua total acquisição pelo elevado preço que deve attingir, sendo impossivel á maioria dos collecionadores o possuirem-n'a integralmente.

Não podemos deixar comtudo de folgar pelos valiosos estudos que n'ella se encontram, mas cuja abundancia nos parece descabida, ameaçando a sua publicação chegar ao outro centenario.

Guia pratico *para o emprego dos adubos chimicos, por Maizières, traducção de A. F. — Lisboa — 1898.*

Como por mais de uma vez se tem dito é nos adubos que todas as nações agricolas põem a sua melhor esperança de fertilização da terra e abundancia da producção. Não ha terreno exhausto ou cançado, não ha constituição geologica que se não possa modificar profundamente com o uso intelligente dos adubos. Sabel-os, pois, escolher adaptados precisamente em relação da cultura ao terreno, eis o que no presente manual se ensina proficientemente.

Governo Geral do Estado da India

Ha tempos, tivemos agradavel ensejo de noticiarmos o apparecimento de varios relatorios mandados publicar pelo governo geral do Estado da India, e não pudemos deixar de louvar essa publicação, porquanto nos relatorios se encerram interessantissimos e importantes dados para sobre elles se estudar as necessidades d'aquelle Estado e provel-as com perfeito conhecimento.

Entre esses relatorios havia um, que nós então mencionámos com empenho, e que se referia ao caminho de ferro de Mormugão, e ao decrescimento do seu trafego.

Tomadas as providencias que aconselhava o referido relatorio, é com prazer que temos visto crescer, duplicar até, a receita d'aquelle caminho de ferro, o que prova bem a utilidade d'estes documentos e a vantagem que os poderes publicos e a nação tiram do seu estudo.

Suscitando a sua publicação o illustre governador do Estado da India alcança elementos para melhor administração e governo, baseando se sobre dados verdadeiros e inquirindo das peias e difficuldades que se levantam para o progresso e desenvolvimento d'aquelle Estado.

Mais tres importantes relatorios temos agora em nosso poder, recebidos da Imprensa Nacional de Nova Gôa. São elles o *Relatorio sobre a administração do concelho de Salsete*, relativo aos annos de 1895-96 e 1896-97, redigido pelo respectivo administrador sr. Nicolau Reys, illustrado capitão do exercito de Portugal; o *Relatorio sobre os serviços do governo do districto de Diu*, relativos aos annos de 1896 e 1897, elaborado pelo governador sr. Antonio Raphael Pereira Nunes; e a *Analyse Mineral das Aguas medicinaes da India Portugueza*, feita pelo lente da escola medico-cirurgica de Nova Gôa sr. Viriato João Pinto.

CONSELHEIRO FRANCISCO JOAQUIM DA COSTA E SILVA

FALLECIDO NO DIA 1 DO CORRENTE

Diversos relatorios:

Estamos na epoca em que as differentes instituições associativas prestam contas e submettem os seus respectivos relatorios ás assembleas geraes. Entre aquelles que temos presente por delicada offerta das dignas e benemeritas direcções destacamos os das seguintes:

Sociedade protectora dos orphãos desvalidos das victimas do cholera morbus em 1857 (Azylo da Ajuda) de que é desvelado provedor o nosso amigo Jayme Arthur da Costa Pinto.

Asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina. Este relatorio foi lido na sessão solemne do 40.º anniversario da fundação d'esta conceituada instituição.

Associação dos jornalistas de Lisboa. Este relatorio contem tambem o parecer do conselho fiscal de 1898.

Associação de soccorros mutuos na inhabilidade. Esta utilissima instituição acaba de completar 27 annos de existencia e conta 1060 socios, o que justifica plenamente a consideração em que é tida.

Catalogo *da Exposição dos Trabalhos dos alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa approvados no anno lectivo de 1897 a 1898. — Lisboa Imprensa Nacional, 1899.*

É esta a 16.ª exposição annual, que se realisa no importante estabelecimento de ensino artistico do nosso paiz. Figuram n'ella trabalhos de valor, que merecem ver-se para incitamento dos jovens artistas e bom nome da arte nacional.

Alfaias agricolas — *Lisboa — 1898.*

Nos nossos numeros de 20 de julho, 30 de agosto e 10 de setembro do anno findo, referimo-nos em artigos especiaes, largamente á exposição de alfaia agricola que, em commemoração do centenario da India, se realisou na pittoresca Tapada da Ajuda.

O presente volume, que se intitula *Alfaias Agricolas*, trata desenvolvidamente d'aquella exposição e contém os documentos respectivos, taes como: o programma, regulamento, jurys, catalogo illustrado, lista dos premiados, opinião da imprensa, etc.

Com a publicação d'este trabalho, contribuiu relativamente, a Real Associação Central da Agricultura Portugueza, para o enriquecimento da collecção das publicações commemorativas do centenario indiano e ergueu um perduravel padrão á sua benemerita e próvida iniciativa.

Saggio di poesie sivigliani, *tradotte in italiano — por Prospero Peragallo — Stabilimento Ved. Papini e Figli — Genova — 1898.*

N'uma elegante edição de 65 exemplares, apenas, que não entraram no commercio, publicou em Genova o nosso estimado collaborador rev.º Prospero Peragallo, este ramilhete de poesias sevilhanas por elle traduzidas em italiano.

A encantadora edição é dedicada pelo erudito traductor ao seu amigo D. José Lamarque de Novoa, em memoria da esposa dilecta a poetisa D. Antonia Dias de Lamarque, a quem o rev.º Prospero Peragallo presta assim homenagem e recordação affectuosas, traduzindo-lhe algumas das suas composições.

Contém, pois, o presente florilegio de poesias sevilhanas, varias producções d'aquella illustre dama, outras de seu marido D. José Lamarque de Novoa, e ainda um soneto de D. José de Velilla, com as respectivas versões em italiano.

Do primor da traducção e da belleza das composições escolhidas, são penhor indiscutivel o bom gosto e a erudição do venerando sacerdote, que a nossa Academia se orgulha de contar entre os seus socios.

Annuario da Escola do Exercito. — *Lisboa — Imprensa Nacional. — 1899.*

Acha-se já publicado este annuario relativo ao anno lectivo de 1898-1899, e cuja utilidade se continua demonstrando pelo apreço que merece.

Contém o calendario escolar, a acta da sessão solemne de inauguração dos trabalhos escolares, legislação, nota do pessoal, regulamentos de matricula, etc.; alumnos do anno lectivo corrente, programma das cadeiras, lista dos livros da bibliotheca, etc., etc., que tornam o annuario tão util como interessante na sua especialidade.